

A Razão da Kashrut

Por Sha'ul Bensiyon

“É somente através do entendimento de um espectro dos caminhos do Eterno que podemos apreciar com precisão cada mandamento, através da compreensão de seus discernimentos e ramificações.” (Rabi Moshe Ben-Chaim - The Purpose of Mitzvahs)

I - Introdução

A questão da kashrut, isto é, das leis alimentícias da Torá, é uma questão que gera bastante controvérsia, e muitas dúvidas.

Por que a Torá se preocupa em ensinar um código de alimentação? E, se há essa preocupação, acaso ela seria universal?

Muitos judeus se indagam: Por que devo comer kasher? Ao mesmo tempo, monoteístas de outros povos muitas vezes também se perguntam: Será que todos deveriam seguir as leis alimentícias de Israel?

Este artigo procura apresentar uma leitura racionalista, fundamentada em comentaristas tanto clássicos quanto modernos, aliada a um posicionamento médico, para responder uma das perguntas mais intrigantes da Torá: O que podemos aprender a partir da kashrut?

Entender os objetivos e ideias por trás da kashrut, a exemplo do que o rabino Moshe Ben-Chaim coloca na citação acima, é fundamental para auxiliar na compreensão da importância da prática, e da extensão dela.

II - O Ideal

É fato notório e bem conhecido que a narrativa do Éden indica um estado de uma espécie de ideal a ser perseguido.

Mesmo sendo uma narrativa simbólica e figurativa, há uma série de elementos dentro dela que indicam o que seria o plano do Criador para uma vida plenamente harmônica.

Talvez represente ainda um futuro estágio de evolução da humanidade, para o qual o próprio Criador, como um Pai paciente e amoroso, nos conduz.

No Éden, encontramos a seguinte circunstância:

"E disse Elohim: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento." (Bereshit/Gênesis 1:29)

A Torá não diz nada por acaso: É muito claro que o vegetarianismo era considerado como a forma ideal de vida, e possivelmente um ideal a ser perseguido.

Claro, isso não significa que a Torá proíba o consumo de carne. Existe uma diferença entre o ideal e o permitido.

Sobre isso, o rabino Moshe Shamah, do Sephardic Institute, afirma:

“Enquanto habitávamos no estado ideal do jardim do Éden, apesar de ter domínio sobre todo o reino animal (Gn. 1:28), o homem estava estritamente limitado a uma dieta vegetariana (v. 29). De fato, em um estado de utopia, os animais também seriam herbívoros. Isso reflete uma profunda reverência por todas as formas de vida, um princípio fundamental que deve instruir nossa compreensão de tudo o que se segue na Bíblia e de nosso relacionamento com o mundo.” (Comentário - Parashat Shemini)

A preservação da vida é o elemento mais sagrado de toda a Torá. Tanto que é das poucas coisas que está acima de todos os demais mandamentos. Há poucas coisas, na Torá, que se deve preferir a preservar a própria vida.

Tanto que, se a pessoa passar mal durante o jejum de Yom HaKipurim (Dia das Expições), a halakhá diz sobre essa pessoa:

"Deve ser alimentado imediatamente, mesmo se for necessário dar a ele carne não-kasher, ou de espécie abominável. Não exigimos que ele espere até que alimento permitido se torne disponível." (Mishnê Torá - Sepher Zemanim - Hilkhhot Shebhitat `Assor 2:9)

O que o Éden, revela, contudo, é que o Eterno não se importa apenas com a vida humana. Qualquer vida, para Ele, é de fundamental importância.

Por essa razão, o ideal era que o homem, como aquele que tem domínio sobre a Criação, tivesse uma alimentação vegetariana.

II - A Derrocada Moral da Humanidade

Antes de seguir falando sobre alimentação, é importante fazer um pequeno parêntesis, para recordar o que aconteceu após o relato do Éden:

“Viu ADONAY que era grande a maldade do homem na terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente.” (Bereshit/Gênesis 6:5)

O que esse versículo nos ensina é que a humanidade logo se desvirtuou daquilo que o Eterno desejava.

O ser humano deveria buscar estabelecer para si próprio limites que permitissem que as sociedades vivessem de maneira minimamente regrada e harmônica.

Isso significa que absolutamente todo ser humano seria bonzinho e andaria na linha? É claro que não!

Mas, as sociedades deveriam coibir a barbárie. O declínio do ser humano, neste ponto, foi um declínio institucional. Não havia mais nem um mínimo de ordem ou apreço pela vida, e o que imperava era a destruição, o caos e a violência.

Dentro desse contexto, é evidente que a questão da preservação da vida já havia sido esquecida.

E se havia sido esquecida no que diz respeito aos próprios seres humanos, quem dirá naquilo que diz respeito aos animais.

Mais uma vez, é importante ressaltar: Esse é um ensinamento precioso, e há que se compreender a mensagem, independentemente do quão literal seja o relato da narrativa do dilúvio, ou mesmo se foi global ou local. Tais elementos em nada mudam aquilo que está sendo ensinado pela Torá.

Após a destruição do dilúvio, o Eterno procura instruir aos filhos de Noaḥ (Noé) um mínimo de ordem e organização, a fim de evitar a barbárie que deu origem ao dilúvio.

E a preocupação principal do Eterno é com a preservação da vida.

Tanto que a segunda coisa que o Eterno ensina é a primeira versão da chamada *Lex Talionis* (Lei de Talião):

"Quem derramar sangue de homem, pelo homem terá o seu sangue derramado; porque Elohim fez o homem à sua imagem." (Bereshit/Gênesis 9:6)

Mas, o contexto através do qual o Eterno começa a ensinar justiça é bastante curioso, e está inseparavelmente conectado com uma outra lei, que será vista a seguir.

II - A Primeira Lei Alimentícia

Poucos sabem, mas a primeira lei alimentícia dada pela Torá não se aplica exclusivamente ao povo judeu, mas sim a toda a humanidade.

Em sendo assim, pode-se dizer que existe uma kashrut universal. Ela é relatada abaixo, logo após o registro do dilúvio:

E abençoou Elohim a Noaḥ e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. E o temor de vós e o pavor de vós virão sobre todo o animal da terra, e sobre toda a ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos são entregues. Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde. A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis. Certamente requererei o vosso sangue, o sangue das vossas vidas; de todo animal o requererei; como também do homem, sim, da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem. Quem derramar sangue de homem, pelo homem terá o seu sangue derramado; porque Elohim fez o homem à sua imagem. Mas vós frutificai, e multiplicai-vos; povoai abundantemente a terra, e multiplicai-vos nela." (Bereshit/Gênesis 9:1-4)

Há então uma proibição para todos os seres humanos: a de ingerir sangue.

Isso significa que um monoteísta, de qualquer que seja o povo ou etnia, está obrigado a guardar-se do consumo do sangue, por ordem do próprio Criador.

Mas, não é só isso. Observe como a questão vem diretamente ligada à do derramamento de sangue, e da cobrança que o Eterno faz quanto ao respeito à vida.

Ou seja, fica claro que, apesar da permissão de comer carne (muito clara na Torá), há uma clara preocupação com o derramamento de sangue, que não é algo a ser tomado como trivial. Nem mesmo quando o sangue pertence a um animal.

Pois o animal também é uma vida, e assim sendo, merece ser tratado com a mesma dignidade.

Sobre isso, o rabino Moshe Shamah complementa:

“Depois do Dilúvio, o Eterno decidiu se relacionar com o homem de uma maneira diferente e instituiu uma mudança grande. Em reconhecimento à incapacidade do homem de atingir os padrões utópicos da era da Criação, Ele estabeleceu uma nova organização mundial e fez uma aliança com a humanidade em sua fundação. Como um elemento dessa organização, Ele fez a concessão do consumo de carne animal depois que criatura não estivesse mais viva - sem das distinções das espécies puras e impuras - com uma grande ressalva.

O sangue, significando o princípio vital da vida, não deveria ser consumido. Em outras palavras, agora era permitido comer animais mas somente com a condição de reconhecer um padrão mínimo de reverência pela vida, ao se abster do sangue. A nova organização mundial incluía um entendimento explícito de que o homem em seu estado presente - incapaz de atingir seu potencial - deve gradativamente focar suas energias em ser mais respeitoso de, e plenamente responsável pela vida humana (Gn. 9:3-6), ao passo que mantém [pelo menos] uma preocupação básica com toda vida.” (ibid)

Em suma, o Eterno entendeu que, em virtude da incapacidade do ser humano de ter domínio sobre seus instintos, seria excessivo impor sobre ele a proibição de comer carne.

Em sendo assim, o Eterno impôs um limite, que ainda assim preservava o respeito à vida, mas sem ser excessivo.

É fundamental que essa proibição do sangue não seja minimizada pelos monoteístas, pois ela representa uma capacidade fundamental do homem de controlar seus instintos, e preservar o respeito à vida.

Isso significa se abster de coisas como molho pardo, ou de linguiça de sangue (também chamada de chorizo), e talvez de alguns embutidos, o que pode trazer um pouco de desconforto. Mas, é questão de refrear seus instintos, e entender que nem mesmo o apetite humano pode passar por cima do respeito à vida.

Aqui se faz importante, todavia, uma rápida explicação: O líquido de cor avermelhada na carne mal passada não é sangue, e sim umidade da carne com um composto chamado mioglobina (que não é a hemoglobina, do sangue). É importante não confundir as coisas. A carne que chega aos supermercados já praticamente não tem mais qualquer sangue.

III - Exigências para Israel

Quando a Torá foi dada, o Eterno colocou mais algumas exigências para o povo de Israel.

Além de não comer o sangue, Israel deveria ainda abster-se de comer animais considerados impuros pela Torá.

A proibição é tema de boa parte do capítulo 11 de Wayiqrá (Levítico). O autor não citará aqui o capítulo na íntegra por razão de brevidade, mas pede que o leitor que não esteja familiarizado com tal capítulo o leia antes de prosseguir.

Essencialmente, esse capítulo restringe os animais que podem ser consumidos pelo povo de Israel aos seguintes: quadrúpedes que ruminam e têm casco fendido; peixes que têm escamas e nadadeiras; algumas aves e insetos identificados pela própria Torá.

Observe o que comenta o rabino Moshe Shamah sobre esse trecho:

"Dos dois sinais denotando animais puros - cascos fendidos e ruminantes - está claro que os animais permitidos deveriam ser herbívoros. Animais que não tivessem unhas afiadas ou garras não são capazes de armar cilada contra a caça, enquanto o ruminar está associado a ter uma dieta de celulose, processando vegetação que não é plenamente digerível sem tratamento preliminar no estômago e ruminação subsequente. Assim, a dieta de Israel reflete a santidade da vida, ao declarar impuras todas as criaturas que se alimentam de outras criaturas vivas, e categoricamente as rejeita como comida. Carnívoros não são adequados para serem alimento para uma nação que deve respeitar todas as formas de vida e, talvez possamos acrescentar, reconhece que pelo menos o ideal seria que criaturas vivas não fossem comidas....

...Todas as aves das regiões bíblicas que não são listadas são presumivelmente puras e aceitáveis. Como regra geral, a Mishná codificou: 'Qualquer ave que ataca e insere sua garra na caça é impura' (m. Hullin 3:6), enquanto qualquer ave não-listada que partilha das características básicas das aves limpas conhecidas é aceitável."

Repare que a ideia é justamente proibir, em maior parte, aqueles animais que também são, eles próprios, predadores!

Isso pode ser observado não apenas pelas regras explícitas do texto escrito da Torá, como também a na nossa Messorá (Tradição) a respeito, por exemplo, das aves que podem ser ingeridas.

Se Israel teria um relacionamento próximo com o Criador, deveria também ter um padrão de conduta especial.

Embora hoje em dia haja muito mais consciência na criação de animais, o abate seja bem mais humanitário em boa parte do mundo, entre outras coisas do gênero, essa não era a realidade dos povos primitivos da região.

Até mesmo o tratamento dos animais tidos, na Torá, como impuros, é hoje muito diferente. Tomemos como exemplo o porco, hoje parte da dieta de boa parte do mundo. O porco nos tempos antigos, além de ser um animal extremamente sujo, e com dieta amplamente carnívora (como o javali selvagem). Não é o caso nos tempos atuais.

Claro, isso em nada muda a proibição que foi dada a Israel, afinal, *misvá* (mandamento) é *misvá*, e a Torá é atemporal.

Mas, observar essa diferença ajuda a entender que o impacto da kashrut, isto é, das leis alimentícias, sobre o povo de Israel na época em que a Torá foi dada, e pelos séculos seguintes, era muito maior do que o é nos dias atuais.

Hoje, a alimentação de um judeu pode pouco diferir da de uma pessoa de outra nação. Inclusive, há pessoas que optam ainda pelo vegetarianismo, demonstrando um padrão de excelência no respeito à vida ainda maior do que aquele que é exigido de Israel.

Porém, naquela época, essa não era a realidade. Os povos primitivos da região do Oriente Médio não tinham muito respeito pelos animais (uma inovação da Torá), nem à forma como eles deveriam ser consumidos.

IV - Regras de Abate e Consumo

Além da limitação à categoria dos animais que poderiam ser consumidos, havia também exigências de que se tratasse os animais de consumo com dignidade.

Abaixo, alguns exemplos onde a Torá faz alusão a esse conceito:

"...então degolarás do teu gado e do teu rebanho, que ADONAY te houver dado, como te ordenei; e poderás comer dentro das tuas portas, conforme todo o teu desejo." (Debharim/Deuteronômio 12:21)

A maneira como o animal deveria ser abatido foi transmitida, conforme o Eterno ordenou, não foi registrada pelo texto escrito da Torá. Ao invés disso, foi transmitida de geração em geração.

As leis de *shehitá* (abate) são complexas, e não são escopo deste material. Mas, pode-se dizer a respeito disso que elas visam garantir, essencialmente, que o animal morreu sem sentir dor.

Isso pode parecer algo comum, considerando que hoje muitos países praticam o abate humanitário, evitando que o animal sinta dor. Porém, até algumas décadas atrás, e em alguns lugares no Brasil até hoje, era muito comum matar um boi, por exemplo, a marretadas.

Imagine o leitor o sofrimento que deve ser a morte de um boi, ou mesmo de um bezerrinho, a marretadas.

Até hoje, o abate kasher é considerado em todo mundo como um exemplo a ser seguido, de uma forma humanitária de impedir maus tratos ao animal.

A Torá diz ainda, para Israel:

“Não comerás nenhum animal que tenha morrido por si; ao peregrino que está dentro das tuas portas o darás a comer, ou o venderás ao estrangeiro; porquanto és povo santo a ADONAY teu Elohim.” (Debharim/Deuteronômio 14:21)

Essa proibição, conhecida na halakhá como proibição à nebhelá (“carcaça”). Vale ressaltar que o “peregrino” aqui referido é o guêr toshabh, isto é, o estrangeiro não-naturalizado israelita, haja vista que não competia a Israel dizer o que pessoas de outros povos deveriam fazer.

Em suma, é proibido comer um animal, mesmo limpo, que não tenha sido abatido adequadamente, conforme o abate que a Torá prescreve (isto é, o abate kasher).

Claro, de imediato se pode observar que a questão dificulta a proliferação de doenças. Mas, é mais do que isso.

Se o animal não pode morrer antes do abate, então ele também não pode ser tratado de qualquer jeito, haja vista que isso poderia provocar a sua morte. O que me lembra o seguinte episódio que presenciei:

Certa vez, viajava com minha esposa por uma estrada, numa época de verão, e a temperatura marcava 42 graus.

Na ocasião, vi um caminhão transportando galinhas, debaixo do sol quente. Foi a primeira vez que reparei em tal veículo, e percebi que o mesmo trazia as gaiolas com frangos como quem transporta engradados de refrigerante ou cerveja.

Lembro-me de ter comentado com minha esposa que seria virtualmente impossível que, naquelas condições, os frangos chegassem vivos ao abatedouro.

Ao relatar o fato a uma pessoa que trabalhara numa distribuidora de carnes, ela confirmou que, de fato, um certo percentual de frangos morre mesmo no caminho, sufocadas pelo calor intenso.

Ela relatou ainda, para meu horror e perplexidade, que onde trabalhara, esses frangos que morriam no caminho eram vendidas para o varejo local.

Ou seja, existe aqui uma complicada questão ética e humanitária, que a Torá procura tratar. Não é de se estranhar, portanto, que a Torá tivesse como objetivo evitar a crueldade, ao proibir consumir um animal que não fosse abatido.

Sobre isso, Rambam (Maimônides) relata:

“Não devemos matar animais com o propósito de praticar crueldade, ou com o propósito de diversão.” (Moré Nebhukhim/O Guia dos Perplexos 3:16)

V - Questão de Limites

A kashrut é também um limite para o ser humano não apenas por razão do respeito à vida, apesar dessa aparentar ser a razão primordial.

Há também uma questão de que a ausência de limites é muito prejudicial ao homem.

É por isso que a Torá traz leis alimentícias exigidas não só de Israel (quanto a animais impuros) quanto também de todo o restante da humanidade (quanto à proibição do sangue).

A razão para isso é que o ser humano que não conhece limites jamais será capaz de se sujeitar ao Criador, e assim servi-lo.

Sobre isso, o rabino Moshe Ben-Chaim afirma:

“Não seguir as restrições da Torá - ser kasher por exemplo - cria um estado de indisciplina no homem. Ele não tem restrição sobre seus desejos. Isso é bem danoso. Tal indivíduo experimentará rompantes emocionais. “Mas os ímpios são como o mar bravo...” (Isaías 57:20) Tais indivíduos têm menos capacidade de exercer auto-controle porque não sabem como fazê-lo, nem se treinaram em tal controle. Eles certamente sofrerão as consequências de responderem instintivamente aos desafios da vida, ao invés de responderem com decisões calmas, controladas e bem pensadas.” (Non-Kosher Foods & Bodily Damage)

Ou seja, a falta de limites sobre uma coisa tão primordial quanto o alimento acabará por prejudicá-lo também noutras áreas da vida.

Uma pessoa sem a capacidade de exercer um auto-controle básico, como na hora de se alimentar, jamais será capaz de ter auto-controle noutras questões mais complexas.

Tome como exemplo uma criança cujos pais colocam limites com regularidade, inclusive na hora de se alimentar. E uma criança que não só come o que quer, como faz o que quer, a hora que quer.

Quando essas duas crianças crescerem, qual delas terá maior facilidade em exercer auto-controle sobre sua sexualidade, ou se recusar a se envolver com drogas, ou coisas do gênero?

É claro, isso não é uma receita de bolo. Há casos de pessoas que crescem desregradas e conseguem ter domínio próprio, assim como há casos de pessoas que foram educadas numa vida regrada, mas que não conseguem se abster de tais coisas.

Mas, estatisticamente, as chances são bem maiores se a criança tem auto-controle.

Assim, a kashrut, a exemplo de uma série de outros princípios da Torá, visa desenvolver essa capacidade de domínio próprio.

VI - Um Não-Judeu se Contamina?

Aqui cabe responder a uma questão importante. Há quem pense: Se é importante exercer auto-controle para não se contaminar, então pode-se dizer que o não-judeu também se contamina ao comer um animal que a Torá tem como impuro?

Para responder a essa questão, é importante observar uma situação análoga, da própria Torá:

“[O sacerdote] não tomará viúva, ou repudiada, ou desonrada, ou prostituta; mas virgem do seu povo tomará por mulher. E não profanará a sua descendência entre o seu povo; porque eu sou ADONAY que o santifico.” (Wayiqrá/Levítico 21:14,15)

Observe que, para o sacerdote, isto é, para os filhos de Aharon (Aarão), seria considerado uma profanação de sua santidade se tomassem uma mulher viúva.

Ora, existe algum mal inerente ao fato de tomar uma mulher viúva por esposa?

É claro que não! Tanto que qualquer israelita poderia fazê-lo!

Por que o sacerdote era proibido de fazer tal coisa? Para que não se lançassem dúvidas sobre se sua descendência era ou não legítima.

Se uma mulher, que pertencera a outro homem, engravidasse, o povo olharia com maus olhos a sua descendência, e poderia questionar se eram de fato sacerdotes.

A profanação não estaria no ato em si, mas sim na desobediência a uma ordem expressa do Criador dos céus e da terra.

Tendo isso em mente, observe o comentário do rabino Reuven Mann sobre a questão da contaminação na kashrut:

“O Judaísmo adota um sistema no qual se controlam os desejos instintivos, tais como o apetite. A parte apetitiva do homem é uma força vigorosa que deve ser controlada. Parte do Judaísmo estabelece que o homem deve viver em um sistema onde sua alma e componente racional estão no controle. Baseado nisso, o Eterno criou um sistema de kashrut.

Em outras palavras, a kashrut não foi criada para impedir as pessoas de contaminarem seus corações com alimentos supostamente inerentemente ruins. Ao invés disso, foi um sistema desenvolvido para controlar o componente apetitivo do homem. Baseado nisso, a Torá foi e proibiu certos alimentos.

Rambam afirma que uma das razões pelas quais a maioria dos animais domésticos são kosher e dos não-domesticados não são é por questões práticas. Se o Eterno proibisse o gado e permitisse somente leões e tigres, seria muito mais difícil comer carne. O Eterno deu um sistema pelo qual o homem pode viver...

Rashi, em seu comentário de Levítico 11:44 afirma que quando a Torá diz que não se deve tornar sua alma impura ao comer criaturas que rastejam sobre a terra, a impureza referida é obtida pela transgressão do mandamento do Eterno.

Assim, vemos que a contaminação da alma não vem através de nenhum alimento específico, mas sim está baseada no fato de que o homem transgredir um dos mandamentos do Eterno. Quem vive um estilo de vida no qual não dá ouvidos ao Eterno e não controla seus desejos instintivos é aquele que está verdadeiramente contaminado.” (Does non-kosher food ‘contaminate’ us?)

Como se pode perceber, não havia nada inerente ao animal que pudesse de fato contaminar qualquer pessoa.

A contaminação ocorre tão somente por causa da transgressão ao mandamento, e não por causa do animal em si.

Vale ressaltar, por exemplo, que os animais impuros podem ter suas peles curtidas e utilizadas como tecido, até mesmo por judeus.

Não há razão, portanto, para um monoteísta de outro povo achar que está se contaminando se não seguir as leis que a Torá estabelece para os israelitas.

É importante lembrar que essas leis têm todo um contexto cultural, que será, inclusive, visto mais adiante.

Tão somente, deve cuidar para ter em mente o mesmo objetivo de restringir seu apetite, e aceitar a santidade da vida, ao abster-se de sangue.

VII - Razão Complementar: Idolatria

Parte da kashrut foi dada também para impedir que o povo de Israel tomasse parte em práticas idólatras.

Um exemplo claro disso ocorre na proibição da mistura de leite e carne. A Torá diz:

"Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe." (Devarim/Deuteronômio 14:21)

Resumindo a posição de Rambam (Maimônides) sobre o tema, o rabino Yitzchak Etshalom afirma:

“Muitas das razões por trás de proibições rituais (ex. lã e linho, carne e leite), segundo Rambam, podem ser melhor entendidas em contraste com a prática pagã cananéia nos tempos da Torá. Uma vez que os pagãos praticavam tais ritos como cozinhar o filhote no leite da mãe, fazer roupas rituais feitas da mistura de lã e linho, etc. a Torá proibiu essas práticas para nos separar deles e de suas práticas idólatras” (Rambam and Ramban on Korbanot)

Ainda assim, o rabino Moshe Shamah também vê uma preocupação com a vida:

“O simbolismo do caso fundamental de um filhote no leite da mãe pode ter a intenção de evitar a ironia cruel de usar o produto do corpo da mãe, cujo objetivo era sustentar a vida de sua descendência, para ser parte no processo de exterminar aquela vida.” (Comentário - Parashat Shemini)

Vale ressaltar que uma questão não anula a outra, pois boa parte das práticas pagãs da época demonstrava um enorme desprezo pela vida, não apenas de animais, como também de outros seres humanos.

Não se deve esquecer que até mesmo sacrifícios humanos eram realizados dentro daquelas sociedades.

VIII - Adendo: Saúde

É notório também o fato de que a kashrut traz uma evidente preocupação com a saúde.

Essa é também uma das razões pelas quais animais que morriam, ou estariam prestes a morrer, de causas naturais também eram igualmente proibidos.

Sobre isso, Rambam (Maimônides) afirma:

“Eu sustento que o alimento que é proibido pela Torá é nocivo à saúde. Não há nada dentre os tipos proibidos de alimento cujo caráter nocivo seja duvidado... A principal razão pela qual a Torá proíbe a carne do suíno está na circunstância de que seus hábitos e seu alimento são muito sujos e abomináveis. Já foi pontuado o quão enfaticamente a Torá ordena remover da vista objetos abomináveis, mesmo no campo e no acampamento; quanto mais reprovável a sua vista nas cidade... Um ditado de nossos sábios declara: ‘A boca do porco é tão suja quanto o próprio esterco.’ (b. Berakhot 25a)” (Moré Nebhukhim/ O Guia dos Perplexos 3:158)

Não é à toa que muitos médicos dizem que uma pessoa em convalescência deve evitar comer carne de porco, e frutos do mar.

Alguns animais impuros, se não forem preparados com muito cuidado, podem causar graves problemas. Um exemplo disso é o camarão, que nada mais é do que uma barata do mar.

Não se esqueça o leitor de que a Torá foi dada a uma sociedade que tinha muito menos recursos de higiene do que os que estão disponíveis hoje para, por exemplo, sociedades ocidentais.

Até mesmo nos dias atuais, em alguns lugares do Oriente Médio, ou mesmo noutras regiões (dentro ou fora do Brasil), esses hábitos não são exatamente dos melhores.

Em sendo assim, há muita sabedoria na Torá acerca da questão da saúde.

Se o autor deste material não evitasse animais impuros por motivos de fé, certamente o faria por razões de higiene e saúde.

De fato, há um número crescente de pessoas nos EUA que, preocupados com a qualidade dos produtos industrializados consumidos, têm optado por buscar aqueles que trazem selo de kashrut, muito comuns naquele país, devido ao grande número de judeus na sociedade norte-americana.

O médico Andrew Weil afirma que cerca de dois-terços dos consumidores de produtos kasher, hoje, não são judeus. E sobre isso, afirma:

“De certa forma, alimentos kasher podem ser mais seguros e portanto mais saudáveis do que outros produtos. Isso é por causa das regras estritas sob as quais são produzidos e certificados. Por exemplo, as leis kasher proíbem judeus observantes de consumirem insetos, o que significa que, antes de embalar, vegetais, frutas e grãos devem ser cuidadosamente inspecionados para se certificar de que não contêm insetos.

Se você deseja evitar certos alimentos - laticínios, por exemplo - não tem que se preocupar com ingerir acidentalmente laticínio se você se atém a alimentos kasher. As leis alimentícias proíbem misturar carne e laticínios e exigem que produtos kasher de laticínios e carnes sejam processados separadamente. O equipamento usado para laticínios nunca é usado para carnes. Peixes devem ser preparados em equipamento que nunca esteve em contato com alimentos não-kasher.

Se você é alérgico a camarão, não terá que se preocupar caso se atenha a produtos kasher uma vez que a lei kasher proíbe os judeus de comerem qualquer tipo de camarão. Veganos podem ficar tranquilos de que produtos kasher não conterão laticínio ou carne (procure por aqueles com rótulo “pareve” ou “parve”) e não tomaram contato com equipamento usado para laticínios ou carnes. Se você é alérgico a laticínios e anseia por salame ou cachorro-quente, pode ter certeza de que esses itens não são produzidos com conservantes feitos de lactose como é o caso de muitas carnes não-kasher curadas.” (Are Kosher Foods Better For You?)

IX - Kashrut e Outros Povos

Isto nos traz à seguinte questão, que muitos se indagam: Pode um monoteísta de outro povo chegar à conclusão de que há sabedoria nos princípios da kashrut, e comer apenas comida kasher?

Ou ainda, pode um Ben Noah, se assim o desejar, se abster de comer animais impuros?

Sobre isso, a halakhá diz o seguinte:

“Se um Ben Noah deseja realizar uma das *miswot* da Torá para receber recompensa por fazê-lo, não devemos impedi-lo, desde que a faça conforme solicitado.” (Melakhim uMilhamot 10:10)

A única exceção ao acima é o Shabat, em determinadas condições, que são complexas demais para serem abordadas brevemente, e que não são escopo deste material.

Ou seja, não cabe ao judeu dizer o que uma pessoa de outro povo irá comer ou deixar de comer.

Se o Ben Noah desejar seguir um ou mais mandamentos da kashrut, é livre para fazê-lo, conforme seu coração desejar.

Semelhantemente, se um Ben Noah entender que deve seguir um caminho ainda mais sublime de respeito à vida, e tornar-se um vegetariano, por entender que esse era o ideal original - algo que nem mesmo o judeu é obrigado a fazer - então também é semelhantemente livre para fazê-lo.

E há valor em tudo aquilo que se faz para o Criador, com convicção. Desde que, claro não se firam alguns princípios fundamentais. O que, obviamente, não é o caso aqui.

O que não deve acontecer é o monoteísta em questão achar que todos estão obrigados a seguir tais padrões. Nem a kashrut, nem o vegetarianismo, são impostos pelo Eterno sobre toda a humanidade.

A única imposição que é feita é a de abster-se do sangue, o que já, por si só, exige certos cuidados a serem observados, e mostra que a pessoa está preocupada com a preservação da vida.

Semelhantemente, nada impede que um monoteísta possa olhar para alguns ensinamentos por trás da kashrut e, descontados os aspectos particulares, e até mesmo culturais do povo de Israel, procure também aplicar algumas lições que podem ser aprendidas com o estudo de tais coisas.

Por exemplo, um monoteísta de outro povo pode optar por tomar o cuidado de se certificar que o alimento que está ingerindo passou por abate humanitário, e é saudável. Pode também evitar consumir alimentos que dêem a impressão de que ele esteja envolvido em algum tipo de culto idólatra, entre outros.

Claro, tudo isso são possíveis sugestões extraídas a partir do estudo da sabedoria por trás dos mandamentos da Torá, e não obrigações universais. Como dito, a única obrigação universal é a de abster-se do sangue.

X - Conclusão

Como se pode perceber, a kashrut traz lições preciosíssimas, tanto para o judeu, quanto para o monoteísta de outro povo. A análise do desenvolvimento da Kashrut, na Torá, ensina as seguintes lições, que estão por trás das miswot (mandamentos):

- Originalmente, o ideal era o vegetarianismo. Devido à dificuldade do ser humano de conter seus instintos, o consumo de carne foi permitido.
- A vida de toda criatura, e não apenas do ser humano, é preciosa aos olhos do Eterno.
- A proibição do consumo de sangue, por essa razão, é universal.
- É importante que os animais sejam tratados com respeito e dignidade, até na hora de serem consumidos.
- É salutar que o ser humano treine seu auto-controle, inclusive no que diz respeito ao seu apetite.
- O que contamina o homem é a desobediência ao Criador, e não o animal classificado pela Torá como imundo.
- A consciência quanto à própria saúde, no que diz respeito ao alimento, deve ser desenvolvida.
- Deve-se evitar o envolvimento com tudo aquilo que possa conduzir a práticas idólatras.

Aos monoteístas de outros povos, exige-se apenas o abster-se de sangue. Porém, se desejarem aplicar qualquer conceito da kashrut em suas práticas de vida, são livres para fazê-lo, segundo determina a própria halakhá judaica.

Semelhantemente, também são livres para aplicar os princípios acima listados, adequando-os à sua própria realidade cultural e de vida.